



PENSANDO ÁFRICAS  
E SUAS DIÁSPORAS  
NEABI – UFOP

## Pensando Áfricas e suas diásporas

[www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas](http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas)

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 02 N.01 – nov/dez 2016

Anais do IV Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas

## O embranquecimento do samba

Katia Gomes da Silva\*

**Resumo:** O samba é uma marca da nação brasileira. Começou como uma festa popular negra e paulatinamente foi integrado ao capitalismo, se tornando um produto turístico de grande rentabilidade. Como bem nos apresenta Ana Maria Rodrigues, nesse processo, se revelou um embranquecimento da festa, pela espoliação branca, com a interferência política e econômica, garantindo à branquitude o padrão a ser seguido. A festa, então, acabou por mostrar o que a realidade brasileira já apresentava: uma valorização e destaque para brancos e uma subalternização e exclusão dos negros. Essa espoliação branca com a exploração de negros pode ser exemplificada com a profissionalização e remuneração de setores, como os carnavalescos, e de outro lado os que são chamados para desempenharem seus papéis por amor à escola, pagando, por vezes, pela fantasias para participarem. O samba aqui serve como um caso que exemplifica a maneira de como se dão as relações raciais no Brasil, tendo o viés econômico como o fator principal para que o samba, particularmente, o carnaval, se transformasse e tomasse as configurações que ele atualmente denota.

**Palavras-chave:** Samba; Branquitude; Carnaval.

**Abstract:** Samba is a trademark of the Brazilian nation. It began as a black popular party and was gradually integrated into capitalism, becoming a tourist product of great profitability. As well presented by Ana Maria Rodrigues, in this process, it was revealed a whitening of the party, by the white spoliation, with the political and economic interference, guaranteeing the whiteness the standard to be followed. The party, then, ended up showing what the Brazilian reality already presented: a valorization and prominence for whites and a subalternization and exclusion of blacks. This white dispossession with the exploitation of blacks can be exemplified by the professionalization and remuneration of sectors such as carnival, and on the other hand those who are called to play their roles for the sake of the school, sometimes paying for the costumes to participate. The samba here serves as a case that exemplifies the way in which race relations take place in Brazil, with the economic bias as the main factor for samba, particularly the carnival, to change and take the configurations that it currently denotes.

**Keywords:** Samba; Whiteness; Carnaval.

*Depois dançou e dançou / Até o dia raiar / E não contente enturmou / Com as cabrochas de lá / Salve, salve a dona Tereza / Ela vai pro céu / Ela tem aquela nobreza / Que tinha Izabel / Branquinha igual assim não pode existir / Balanço igual eu juro que nunca vi / No carnaval nós vamos nos divertir / A turma tá que tá que não cabe em si / (...) Voltou, voltou, sim senhor / Voltou sem anunciar / Fez um alô pro tio / Fez um olá pra tia / Tereza é branca na cor / Mas isso deixa pra lá / Porque Tereza enturmou / Porque ela sabe sambar / Tereza sabe sambar (Francis Hime/Vinicius de Moraes).*

---

\* CEFET. E-mail: [26.katia.silva@gmail.com](mailto:26.katia.silva@gmail.com). CAPES.

## Problematização/Justificativa

Acima temos uma letra de música na qual podemos perceber a participação do branco, no caso uma branca, no samba, sendo que essa participação é sujeita a certa tensão. Apesar da discriminação inicial, frente ao diferente, pois ali seria um espaço cultural considerado dos negros, Tereza tem permissão para dançar. Ela, então, se enturma, mostra que sabe sambar, embora seja branca e, talvez por isso atribuam a ela ares de nobreza: referenciam-na, como a Princesa Isabel. A comparação é curiosa porque a princesa teria sido a pessoa responsável pela oficialidade da abolição da escravidão no Brasil.

A criação do samba é atribuída aos negros. Sua formação e consolidação, no Brasil, como ritmo musical, aconteceu já no período Republicano. A nação estava em meio aos debates sobre modernização e progresso, quando o samba começou como um movimento marginal, tendo sido perseguido por sua associação a estereótipos negativos, tais como o malandro, a vida ociosa, a farra, a orgia. O Estado Novo, então, apropriou-se desse ritmo, transformando suas letras para exaltação e incentivo ao trabalho, como pode ser observado na letra da música de autoria de Ataulfo Alves e Wilson Batista, o “Bonde São Januário<sup>1</sup>”, de 1940: *"Quem trabalha é que tem razão/ Eu digo e não tenho medo de errar/ O bonde São Januário/ Leva mais um operário/ Sou eu que vou trabalhar (...)"*. Matos (1982), que estuda essa temática, percebe, nas letras das canções, esse embate da ideologia do Estado com a figura do malandro.

Podemos examinar o samba usando a metáfora do espaço. Qualquer espaço tem sua porção de história e política, é produto da ação humana, das relações sociais, logo envolve relações de poder. A seguinte citação ilustra bem isso: *“Os territórios possíveis levam ao fim e ao começo. Põe-se o real como pedaços que se sabem pedaços. O fazer e o pensar indagam: de quem é o espaço?”* (Armando Corrêa da Silva. “De quem é o pedaço?” In: MORAES, 2005, p.5). Partindo daí, podemos pensar de que maneira o espaço do samba, um espaço cultural dos negros, corresponde a uma configuração de diferente, quando deveria ser apenas mais um espaço cultural. Entretanto, frente ao padrão, ao universalizado mundo do branco, a população negra, na formação e convívio em espaços, é vista de forma exótica.

À primeira vista, apenas vemos a tensão racial existente no samba quando um branco pretende participar desse espaço, no entanto, não nos damos conta da padronização estética

---

<sup>1</sup> Não entraremos na discussão sobre a censura realizada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo quanto a mudança da letra onde diz-se operário para otário.

existente, da configuração do mundo como um mundo branco. Além disso, no Brasil, não parece existir uma espacialidade racista, tudo parece homogêneo, sem conflitos e tensões. No entanto,

(...) é necessário analisar a articulação silenciosa da hegemonia branca. Como o valor da branquitude se impõe em discursos que aparentemente não falam de identidades raciais ou valorizam identidades negras? Sinais aparecem em discursos banais, do senso comum, que reafirmam o privilégio branco inercialmente, falando do afeto que une desiguais. (SOVIK, 2009, p.40)

Pois, “(...) o valor da branquitude se realiza na desvalorização do ser negro” (SOVIK, 2009, p.55).

Tomando consciência dessa articulação silenciosa, temos contra ela as “lutas” raciais contemporâneas, por questões socioeconômicas. Espaços e lutas que dialogam para um reposicionamento, reconhecimento e redistribuição, buscando afirmação de novas relações nos espaços, como são os movimentos de luta pela permanência dos quilombos, movimento negro de militância, pré-vestibulares populares para negros e carentes, o rap, o hip-hop e o próprio samba.

Refletir sobre o samba é ter em mente que ele é mais do que apenas música e cultura, ou um lugar de lazer e festa, ele se configura como um espaço com estéticas e particularidades singulares. Ele também é regido pelas relações de poder existentes na sociedade brasileira e que são observáveis no desenrolar da nossa história. Suas músicas foram armas para se propagar o racismo ou para denunciá-lo, além de mostrar o cotidiano de uma população colocada à margem do sistema, que não atingia os padrões veiculados e que não tinha outra forma de identificação, de se sentir pertencente à sociedade, à nação.

Falar de samba não é associá-lo apenas aos negros. Podemos notar, muitas vezes de forma sutil, certa tensão racial quanto à entrada de brancos, movimento conhecido como *embranquecimento do samba*. Isso tanto na legitimação da presença e participação, no caso dos brancos, como na afirmação e valorização de um povo discriminado por causa de sua cor e fenótipos, no caso dos negros. Souza (2000) explica que o embranquecimento do samba foi um processo onde o branco, que já tem o poder socioeconômico e cultural na sociedade, foi se inserindo, ao mesmo tempo em que modificava o gênero musical, particularmente as letras. Para que o ritmo fosse tocado nas rádios e nos eventos de classe média e nas camadas mais altas da sociedade, foram sendo apagadas as figuras do *malandro*, no Rio de Janeiro, e do *vagabundo*, em São Paulo.

Essa reconfiguração do samba pela elite (pelos brancos) demonstra uma naturalidade na modificação das estruturas, sem que isso causasse incômodo à sociedade:

Os antigos *tambus* não eram mais ouvidos e os instrumentos de corda tornaram-se primordiais. Além disso, as letras produzidas tratavam a figura do negro com comicidade e preconceito, contradizendo a raiz de seu gênero, vinda desses povos. Ocultando o discurso do negro como resistência à sua condição de explorado, o discurso branco ocupava um novo espaço, um espaço criado e conquistado pelo negro, reafirmando o seu discurso de exclusão. (Souza, 2000, p.6)

Para Rodrigues (1984), que realiza um estudo sobre algumas escolas de samba na década de 1970, a regulação e controle das escolas de samba decorrentes dos patrocínios públicos e privados estava relacionada com esse processo de embranquecimento da festa. A figura do carnavalesco seria ainda mais profunda nesse processo. Ela afirma que a entrada do carnavalesco Fernando Pamplona, no Acadêmicos do Salgueiro, em 1960, teve sucesso pelo seguinte: “os juízes identificaram-se, pela primeira vez, com seus próprios valores culturais, sua realidade social, seu conceito particular de ‘bom gosto’. Não havia porque negar o êxito a esta escola.” (RODRIGUES, 1984, p.47). Ela explica que essa situação era decorrente do mito da democracia racial que favorecia essa espoliação branca:

As nuances são claras: os mais antigos componentes ficam envolvidos pelo mito da democracia racial. Mito que o branco criou como barreira ao livre acesso do negro na disputa de direitos mais dignos de existência e que, inversamente, permite a inserção deste grupo branco nos tipos de atividades que ora analiso. (RODRIGUES, 1984, p.116)

O discurso de exclusão dos negros é transmitido pela veiculação de clichês, mitos e estereótipos negativos que são exibidos em letras de samba, na forma “cordial” do homem brasileiro. Enquanto isso, o pensamento social brasileiro se mostra racista na prática, mas não reconhece pela própria confusão entre *tolerar a presença* e *discriminar de forma mais transparente e aberta*, como aconteceu em outros países. A preferência à estética branca vai sendo posta pela inferiorização do negro, onde a ascensão e conquista desses espaços, pelos brancos, se coloca de maneira a não mostrar tensão racial. Assim, vemos que:

Os brancos se sobressaem até no carnaval, momento do ano em que mais se celebra a cultura negra. A televisão destaca brancos num aparente paradoxo. (...) O carnaval carioca (...) gera discussão, pois as escolas de samba têm componentes das comunidades da periferia, em sua maioria negra, mas os maiores destaques de carros alegóricos e as rainhas de bateria, convidadas a participar no evento em que mais se ouve pronunciar a palavra “beleza”, muitas vezes são louras, como Deborah Secco e Adriane Galisteu. (SOVIK, 2009, p.36-37)

Mesmo o nosso Carnaval, conhecido e divulgado como integrador de todas as classes, não esconde e demarca a hierarquia racial e social na própria avenida, conforme nos aponta Gullar:

(...) o público assiste a um desfile que, a cada dia, inclui mais gente de classe média e turistas estrangeiros, uma vez que, nas grandes escolas, o preço das fantasias exclui a participação do povão. A tradicional ala das baianas só desfila porque a fantasia é paga pela escola. Como diz um amigo meu, chegará o dia em que o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro terá a seguinte composição: brancos desfilando, brancos assistindo e crioulos na bateria... Estes talvez ainda ali permaneçam por algum tempo por ser necessário

[85/90]

manter alguma coisa da autêntica escola de samba, de saudosa memória. Mas não se sabe até quando, porque o que já tem de japonês, holandês e sueco aprendendo a tocar tamborim, agogô e reco-reco não está no gibi. (GULLAR, In: Folha de São Paulo)

Não é que os brancos não possam entrar, participar e reconfigurar o samba. A questão, demonstrada na visão de Gullar, é delicada e complexa, pois os negros, mais uma vez, são excluídos, sem ter o mesmo realce dos brancos, por razões históricas que geraram mecanismos sociais e psíquicos que desvalorizam e desqualificam os negros. Devemos refletir sobre essas questões, pois o samba tem se tornado cada vez mais mercadológico e tido destaque.

Ver o samba enquanto mídia, espaço, poder e cultura nos traz novas significações sobre as relações raciais, no Brasil. Vai para além de ser apenas um ritmo musical, pois “*fazer samba não é brincado*” (“Alô, Fevereiro” de Sidney Miller). É claro que já há relativos trabalhos sobre esse estilo musical, no entanto, a temática do branco no samba foi pouco estudada e é importante trazermos essas análises a uma sociedade que se pretende ser mais democrática, igual, justa e equânime. Por ser o samba uma das bases da identidade nacional, estudá-lo é de grande relevância para se compreender a sociedade brasileira e sua história.

### **Objetivos e metodologia**

Pretende-se realizar uma revisão bibliográfica acerca da relação étnico-racial no samba, particularmente quanto à entrada do branco/elite, podendo haver a utilização de letras musicais para enriquecer a análise. Serão apresentadas essas análises de forma a realizar o diálogo entre os autores que discutiram a temática. Atentaremos para a ligação entre o embranquecimento do samba e a questão da afirmação e resistência da identidade negra, assim como pensar como a branquitude (SOVIK, 2009) se articula no samba.

### **Fundamentação teórica**

Ao contrário do *apartheid* vivenciado nos Estados Unidos e África do Sul, onde o racismo era aberto e transparente, separando racialmente os espaços, aqui no Brasil os espaços têm cor, apesar disso não ser explícito; sutilmente fazemos a diferenciação. A sociedade exclui os negros de vários espaços, mas sob a “roupagem” de que está fora do perfil. Eles entram, mas é pela entrada de serviço. Os negros são sempre os suspeitos em crimes, associamos a cor a vários estereótipos negativos, porém nunca admitimos o racismo,

como se isso fosse apenas uma grande coincidência. Os discursos remetem o problema do nosso país à, apenas, a pobreza, apesar de ela ter cor, mas isso também é visto como coincidência.

A discriminação que realizamos consiste em dificultar a ascensão social dos negros. Como Florestan Fernandes, explicou nosso preconceito é dissimulado e assistemático:

Os brancos não vitimizam consciente e deliberadamente os negros e os mulatos. Os efeitos normais e indiretos das funções do preconceito e da discriminação de cor é que o fazem, sem tensões raciais e sem inquietação social. Restringindo as oportunidades econômicas, educacionais, sociais e políticas do negro e do mulato, mantendo-os “fora do sistema” ou à margem e na periferia da ordem social competitiva, o preconceito e a discriminação de cor impedem a existência e o surgimento de uma democracia racial no Brasil (1972, p.73)

Nessa exclusão silenciosa, não expondo a temática da cor, mas partindo dela, é que vamos perpetuando o racismo e não conseguimos lutar ou nos defender contra essas práticas, pois elas não se mostram abertas e transparentes. A sociedade se segura para não falar que a cor é uma das bases das seleções e preferências, ela age e pensa associando à cor, mas, na hora de externalizar o discurso, tenta justificar com outros argumentos.

Na sociedade,

(...) Há quem tenha medo de perder o prestígio social “aceitando o negro”; há também os que só aceitam o negro na órbita do convencional, afastando-se deles na área da verdadeira amizade e da comunhão afetiva; há, por fim, os que sustentam a todo custo certas representações arcaicas, repudiando qualquer possibilidade de incluir-se o negro em posições que envolvam o exercício de liderança e dominação. (FERNANDES, 1972, p.104)

O racismo foi uma das heranças deixadas pela escravidão. Debates sobre a noção de raças foram veiculados, demonstrando os negros como membros de uma raça inferior e perigosa ao futuro da nação, tendo como base teórica o Darwinismo Social<sup>2</sup>. No fim da década de 1970, é que a noção de raça se encaixa em outros panoramas, de maneira positiva, com o crescimento da militância negra, destacando o termo como identidade diferenciada, enquanto a mídia mostrava o país como sendo uma “democracia racial”, um “país miscigenado”. Contudo, estávamos e ainda estamos confundindo “democracia racial” com tolerância racial. Já na década de 1990, vemos serem fortalecidas as reivindicações, com a conquista de ações afirmativas, como as cotas raciais em universidades e a Lei 10639/03, sobre o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira.

Os poucos espaços existentes associados aos negros que têm despertado interesse dos brancos, como é o samba, têm sido posto em debate quanto à legitimidade desses últimos. A

---

<sup>2</sup> Importação ideológica da Teoria da Evolução de Charles Darwin para os seres humanos, diferenciando-os numa perspectiva evolutiva de raças.

entrada é permitida, tanto que existem brancos que tocam samba ou que sambam, ou os frequentam, mas alguns dizem sentir preconceito. Podemos refletir, nesse jogo de poder sobre o espaço, o que Kabelenge Munanga nos explica sobre o orgulho negro, ao se firmar e se valorizar, num espaço:

(...) o orgulho negro tem uma história. São seres humanos que, pelo próprio processo de colonização, de escravidão, a essas pessoas foi negada sua humanidade. Para poder se recuperar, ele tem que assumir seu corpo como negro. Se olhar no espelho e se achar bonito ou se achar feio. É isso o orgulho negro. E faz parte do processo de se assumir como negro, assumir seu corpo que foi recusado. (...) O branco não tem motivo para ter orgulho branco porque ele é vitorioso, está lá em cima. O outro que está lá em baixo que deve ter orgulho, que deve construir esse orgulho para poder se reerguer. (Munanga em entrevista na revista Fórum)

Devido a nossa criação numa sociedade racista, apesar da coexistência de brancos e negros num dado espaço, tendemos a praticar o racismo, ao ressaltar o branco na diminuição do negro: realizamos isso de forma quase natural. Isso acontece porque não fomos criados para reconhecer beleza na pele e fenótipos negros e também porque fomos criados para associarmos criminalidade e estereótipos negativos à população negra, logo ela estará sempre em desvantagem. Como Liv Sovik bem questiona: *“como pensar o fato de que os brancos e os mestiços mais brancos [estarem] em evidência desproporcional nos meios de comunicação, mas que esse fato não parece criar constrangimentos?”* (2009, p.36)

Embora existam alguns avanços na sociedade, continuamos a fazer o negro se sentir minoria, diferente, inferior, frente a um padrão estético universal, a do homem branco e conservador. Com a inclusão do negro nos espaços midiáticos, ele, agora, pode se sentir existencialmente: antes era como se ele não existisse, não havia representação, identificação necessária. Mas ainda é pouco. É como Sovik mesmo ressalta:

Está aumentando o número de negros em papéis importantes na televisão e na publicidade, mas o povo que os meios de comunicação mostram ainda é de aparência relativamente branca. Ser branco exige pela clara, feições européias, cabelo liso, ou dois dos três elementos. (...) A branquitude não é genética, mas uma questão de imagem: mais um motivo pelo qual é um problema que se coloca na cultura dos meios de comunicação. (2009, p.36)

Podemos afirmar que a luta contra a inclusão dos negros é um reforço de políticas de branquitude. Os debates sobre o assunto levam à noção de exclusão do branco, de perda de privilégios racialmente conquistados. Entretanto, o que está em discussão não é a exclusão dos brancos, é a da afirmação e inclusão dos negros: trata-se de uma reparação histórica para com essa população. Fernandes explica bem este processo na seguinte passagem:

O que pretendemos, para o nosso futuro imediato e remoto, não é a fixação imobilista dos dois pólos, separando o negro, de um lado, e o mundo dos brancos, de que ele participa marginalmente, de outro; mas, que o mundo dos brancos dilua-se e desapareça, para incorporar, em sua plenitude, todas as fronteiras do humano, que

hoje apenas coexistem “mecanicamente” dentro da sociedade brasileira.  
(FERNANDES, 1972, p.17)

Todas essas noções e discussões podem ser aplicadas ao samba, numa perspectiva de realizar um debate étnico-racial desse ritmo que também é compreendido como espaço cultural. Um estilo musical que partiu do Centro da cidade do Rio de Janeiro para ser disseminado nos morros e subúrbios, para em seguida tomar proporções maiores e ser reconhecido como identidade nacional. Depois de ter sofrido repressão, foi apreendido e reconfigurado pela elite e pelo governo. Com base na história, devemos pensar: como analisar o samba e a articulação da branquitude, assim como também refletir sobre a relação do embranquecimento do samba e a questão de afirmação e valorização da cultura negra? São questões que ficam neste projeto para aprofundamento monográfico.

### **Referências bibliográficas**

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de e FILHO, Walter Braga. “Cultura Negra e cultura nacional: samba, carnaval, capoeira e candomblé”. In: *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GOMES, Ângela Maria de Castro. “A Construção do Homem Novo” In Oliveira, Lucia Lippi; Velloso, Mônica Pimenta. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GULLAR, Ferreira. “Tem branco no samba”. *Folha de São Paulo* 06/02/05. Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/artigos/artigo-142.htm> Acesso em: 05/06/11

HAESBAERT, Rogério. “Identidades territoriais”. In: ROSENDHAL, Z; CORRÊA R. L. (orgs.). *Manifestações culturais no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

MAGGIE, Yvonne e REZENDE, Cláudia Barcellos (orgs). *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MATOS, Claudia Neiva de. *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MUNANGA, Kabengele. “Construção da Identidade Negra no Contexto da Globalização”. Democracia racial. In: OLIVEIRA, I. (org.) Cadernos PENESB. *Relações raciais e educação: temas contemporâneos*. Niterói: EdUFF, n° 4. p. 61-84, 2002.

\_\_\_\_\_. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.



NAPOLITANO, Marcos e WASSERMAN, Maria Clara. “Desde que o samba é samba a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira”. São Paulo: *Revista Brasileira de História*. Vol. 20 nº 39

Nosso racismo é um crime perfeito. Revista *Fórum*, nº 77, ano 8, ago.2009 Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materias/0404.html> Acesso em: 05/06/11

OLIVEIRA, Denilson A. *Geografia das relações raciais no Brasil: uma análise sobre o hip-hop e os pré-vestibulares populares para negros*. Disponível em:

[http://egal2009.easyplanners.info/area02/2129\\_OLIVEIRA\\_DENILSON.doc](http://egal2009.easyplanners.info/area02/2129_OLIVEIRA_DENILSON.doc)

Acesso em 05/06/11.

RODRIGUES, Ana Maria. *Samba Negro, Espoliação Branca*. São Paulo: Editora Hucitec, 1984.

SODRÉ, Muniz. Entrevista: A mídia e seus múltiplos significados. *Revista Novaamerica*, 2000a, n.87, PP 20-27.

SOUZA, Larissa da Silva Lisboa. “O samba como resistência e reafirmação.” *Revista África e Africanidades*, Ano 2, n.8, fev. 2010, pp.01-08.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

TURRA, Cleusa e VENTURI, Gustavo. *Racismo cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1995.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: Ed. UFRJ, 2007.